

Motivos de amor e medo

3/8/54

Santiago, julho (de Rubem Braga, enviado especial) — Confei em outra correspondência como o atual e o último presidente do Chile — o general Ibañez e o sr. Videla — subiram ao poder entre efusivas manifestações de Perón, acertando com êle acordos importantíssimos, e como êsses acordos, afinal de contas, não deram em nada. Neste momento estamos infinitamente longe daquela "união completa" e "total" de que falava o presidente argentino há tão pouco tempo.

Por que fracassam essas combinações? Há, certamente, oposição externa. Para o Brasil essa "união completa" seria um desagradável rompimento do equilíbrio de forças na América do Sul. Não podemos esquecer o famoso manifesto da G. O. U. nem as inúmeras leviandades verbais do general Perón e de alguns de seus líderes em tórno da hegemonia argentina na América do Sul. E os Estados Unidos, obviamente, preferem tratar com países isolados a lidar com grupos de países, tanto mais que esse grupo (que facilmente incluiria Paraguai e Bolívia) seria liderado pela Argentina, cuja linha política tradicional, já por influência dos interesses ingleses, já, de alguns anos para cá, pelo vigoroso surto de nacionalismo de acentos místicos, contraria com freqüência os propósitos norte-americanos no Hemisfério.

Essa oposição externa de pouco valeria, entretanto, se os dois países estivessem realmente dispostos a se unir. E o Chile não está. Tem para isso seus bons motivos, e o primeiro deles é que em uma associação desse tipo o mais forte leva quase sempre, todas as vantagens. É claro que todo chileno esclarecido quer ver seu país em boas relações com a Argentina. Há uma fronteira comum de 5.116 quilômetros; há duas economias que quase nunca são concorrentes, mas complementares. Para não entrar em detalhes, lembremos que o Chile dispõe de recursos minerais que fazem uma grande falta à Argentina ao mesmo tempo que precisa de recursos alimentícios da República vizinha, para suprir as deficiências da produção do único trecho não muito grande e ainda muito mal aproveitado de seu vale central que se presta à lavoura. Além disso, do ponto de vista da política exterior os dois países, unidos, estariam em muito melhor situação para defender seus interesses em face das grandes potências, principalmente dos Estados Unidos.

Pactos regionais, capazes de receber a adesão de outros países, se-

riam, na verdade, uma política sábia para as nações da América Latina, tão esquecidas e desprezadas pelos Estados Unidos. Por isso mesmo êles desagradam tanto a Washington como a idéia de um pacto balcânico (guardadas as proporções e respeitadas as diferenças) desagradou a Moscou.

Os chilenos, que têm um notável ressentimento antiamericanista sentem isso, e é isso que em certos momentos os aproxima da Argentina. Mas a reação não tarda. É que a política militarista de Perón e as incríveis imprudências e arrogâncias do peronismo, logo procurando influir do modo mais grosseiro na intimidade da política chilena, assusta êsses homens do Pacífico.

E a História, não é muito animadora. Quando o Chile estava em luta com Bolívia e Peru para lhes arrebatar os territórios que hoje são o Norte do país, a Argentina se aproveitou para firmar seu domínio sobre a Patagônia, pelo tratado de 1881. Aconteceu que a Argentina tem ali, hoje, importantíssimas bases militares, e, desenhando a seu modo o canal de Beagle, reivindica as ilhas Picton, Nueva e Lennox, e às vezes outras — em suma, reivindica um lugar no Pacífico. Agora mesmo, em junho deste ano, foi preciso que as autoridades chilenas baixassem uma ordem proibindo o uso, nas escolas e repartições, de um mapa do Chile, feito na Argentina, em que aquêles territórios apareciam como argentinos...

As continuas intromissões de navios e aeronaves argentinas, numa zona que os chilenos consideram sua irritam a opinião. Além disso, os dois países se julgam com iguais direitos sobre o território antártico compreendido entre os meridianos 53 e 74. Ora, é claro que antes de qualquer acôrdo mais importante entre as duas Repúblicas seria normal que elas proctrassem acabar com essas diferenças, que são motivos perenes de atritos e aborrecimentos. E Buenos Aires não fala nisso. Perón foi bem claro: "hacer la unidad y arreglar los problemas por el camino. Así como cuando uno se da una ducha fría. Si mete un dedo al agua, primero, duda. Es preferible ponerse debajo del chorro, y arreglarse en seguida..."

É compreensível que os chilenos não queiram se meter "debajo del chorro" e achem mais normal "arreglar los problemas" antes de "hacer la unidad". Tanto mais que se sentem muito desconfortáveis

(Continua na 8.ª página)

119

MOTIVOS DE AMOR . . .

(Continuação da 1.^a pág.)

com o fato dos aviões militares argentinos levarem apenas 18 minutos de Mendoza a Santiago, e de terem suas jazidas de petróleo, ao Sul, praticamente à mercê do primeiro avanço argentino, sem nenhuma possibilidade real de resistência ou socorro. A construção da "carretera 40" ao longo da fronteira, sem nenhuma explicação econômica e um grande valor estratégico, assim como a importância das instalações militares argentinas nessa fronteira não são de molde a inspirar muita confiança aos chilenos, ainda mais quando em Buenos Aires sempre é fácil ouvir discursos sobre a "missão continental" da Argentina. E, fim, o peronismo, ou, se preferem, o justicialismo, seduz as massas chilenas pelo seu apelo às forças proletárias, pelo desafio que representa aos grupos financeiros nacionais e também à política norte-americana — mas assusta e desgosta os chilenos pelo seu absorvente argentinismo militarista, pela sua velha asserção de que "findou a época das nações, começou a época dos continentes". O Chile pretende continuar a ser uma Nação.

Os repetidos incidentes produzidos pela interferência múltipla de autoridades argentinas na vida chilena — às vezes conspirativa, às vezes escândalosa — são de molde a aumentar esses receios e a impedir uma aproximação maior, no momento, entre dois países irmãos cuja cooperação íntima seria extraordinariamente proveitosa. Creio que de algum modo isso explica os espantosos vaivéns das relações dos dois países, oscilando entre o mais frenético anseio de união e a mais fria indiferença, quando não hostilidade.

3.8.54